

PREVALÊNCIA DE USO DE PSICOFÁRMACOS E FATORES ASSOCIADOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Milena Pires Rodrigues¹;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/5845832551404897>

Marília Daniella Machado Araújo²;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-7685-6679>

Kátia Pereira de Borba³;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0003-2164-4289>

Daniela Viganó Zanotí⁴;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-6131-3890>

Tatiana da Silva Melo Malaquias⁵;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0001-5541-441X>

Dannyele Cristina da Silva⁶;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0003-1927-8435>

Sidiane de Moura Marochio⁷;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-1100-0191>

Carlos Eduardo dos Santos⁸;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<http://lattes.cnpq.br/5703603210558931>

Marisete Hulek⁹;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-3525-863X>

Paula Regina Jansen¹⁰;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-4751-3781>

Raphaella Rosa Horst Massuqueto¹¹;

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0000-0002-8085-0931>

Rafael Brandão da Silva¹².

Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Guarapuava, Paraná.

<https://orcid.org/0009-0005-4409-2095>

RESUMO: Trata-se de um estudo transversal com o objetivo de identificar a prevalência de uso de psicofármacos entre a população adscrita de uma unidade básica de saúde e os fatores associados. Participaram 59 pessoas adscritas na área de abrangência de uma Unidade Básica de Saúde de Guarapuava, Paraná. Foram realizadas entrevistas no período de janeiro a maio de 2022. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e apresentados em forma de tabelas. Identificou-se o predomínio de uso de antidepressivos, seguido de ansiolíticos, com presença de receita médica assinada, na maioria das vezes, pelo médico da UBS. Destacou-se o uso de longo prazo, prevalecendo tempo superior a três anos. Os sintomas depressivos foram citados como principal motivo de uso. A maioria afirmou uso regular conforme prescrição médica e negou compartilhamento do medicamento. Muitos disseram que não tem desejo de abandonar o tratamento, porém foram citadas tentativas de descontinuar o uso. O médico foi o profissional mais citado como responsável pelas orientações para o uso. A maioria assinalou entre um e cinco anos da última reavaliação médica. Em relação à presença de reação adversa, houve predomínio de insônia, boca seca, tontura e ganho de peso. Conclui-se que o perfil de consumo dos psicofármacos demonstra falta de supervisão e orientação. Apesar da aparente adesão ao tratamento é necessário refletir sobre a garantia de uso adequado desses medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Psicotrópicos. Atenção primária à saúde

PREVALENCE OF THE USE OF PSYCHOTROPIC DRUGS AND ASSOCIATED FACTORS IN PRIMARY HEALTH CARE

ABSTRACT: This is a cross-sectional study with the objective of identifying the prevalence of psychotropic drug use among the population attached to a basic health unit and the associated factors. 59 people enrolled in the coverage area of a Basic Health Unit in Guarapuava, Paraná, participated. Interviews were carried out from January to May 2022.

The data was analyzed using descriptive statistics and presented in the form of tables. The predominance of use of antidepressants was identified, followed by anxiolytics, with the presence of a medical prescription signed, in most cases, by the UBS doctor. Long-term use stood out, prevailing over three years. Depressive symptoms were cited as the main reason for use. The majority stated regular use according to medical prescription and denied sharing the medication. Many said they had no desire to abandon treatment but attempts to discontinue use were cited. The doctor was the professional most cited as responsible for guidelines for use. The majority reported between one and five years since the last medical reassessment. Regarding the presence of adverse reactions, there was a predominance of insomnia, dry mouth, dizziness, and weight gain. It is concluded that the consumption profile of psychotropic drugs demonstrates a lack of supervision and guidance. Despite the apparent adherence to treatment, it is necessary to reflect on ensuring the appropriate use of these medications.

KEY-WORDS: Mental health. Psychotropics. Primary health care.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que as doenças neurológicas e mentais alcancem cerca de 700 milhões de pessoas. Estima-se que, no mundo, uma a cada dez pessoas sofrem de algum transtorno mental (OMS, 2013). Os transtornos mentais comuns (TMC) correspondem a um terço da comorbidade em nível global fazendo parte os transtornos depressivos e os transtornos de ansiedade (Malaquias *et al.*, 2021).

A prevalência dos TMC oscila em diferentes partes do mundo, como na Ásia com 14,5% a 15,5%; no Norte da África com 43,7% a 47,0%; na Europa com 73,6% a 81,8% e no Brasil com 28,7% a 50% (Silva *et al.*, 2019). Segundo Oliveira *et al.* (2021), a nação brasileira tem maior prevalência de desenvolver depressão e ansiedade da América Latina, tendo um percentual de 5,8% a 9,3%. No âmbito nacional, a prevalência dos TMC destaca-se na região rural de Pernambuco (36%) e no Rio Grande do Norte (43,6%) (Silva *et al.*, 2019).

Estimativas apresentam que no Brasil um em cada 10 pessoas usa benzodiazepínicos (Madruga *et al.*, 2018). A literatura aponta um crescimento na utilização de psicofármacos entre os brasileiros. O avanço dos estudos sobre transtorno mental e a procura por profissionais especializados na área geram aumento de diagnósticos de bipolaridade, depressão e hiperatividade. Somado a isso, novas prescrições e criação de novos fármacos no mercado farmacêutico também colaboram para a expansão da prescrição de medicamentos psicotrópicos (Prado; Francisco; Barros, 2017; Madruga *et al.*, 2018; Oliveira *et al.*, 2021).

Os psicofármacos, ou também chamados psicotrópicos, são elementos químicos, naturais ou sintéticos, mas o uso prolongado e de maneiras indevidas como a alta dosagem

tem um grande potencial de causar danos ou dependência física ou psicológica (Oliveira et al., 2021).

Segundo Medeiros Filho *et al.* (2018), na atenção primária à saúde houve uma maior proporção da utilização de medicamentos em pessoas com 19 a 93 anos. Em seu estudo, identificou como fatores associados ao uso de psicofármacos, o estado civil separado/divorciado (11,8%) e ensino fundamental incompleto (48,8%). No estudo de Madruga et al. (2019), houve predomínio da prevalência entre as mulheres (48%), em geral associada à sobrecarga de trabalho e cuidado da família e domicílio. Também se destacaram os idosos e pessoas entre 50 e 59 anos, com queixas de insônia, irritabilidade, concentração e esquecimento.

Segundo Oliveira *et al.* (2021), na atenção primária à saúde os antidepressivos, antiepiléticos e ansiolíticos são os fármacos mais utilizados dentro da categoria dos psicotrópicos. Segundo o estudo, foi possível verificar que a prevalência de uso de psicotrópicos foi maior do que a taxa de crescimento populacional da cidade de Ribeirão Preto.

A saúde pública entrou em crise com o surgimento da pandemia da Covid-19, porém não só aumentou o número de casos de pessoas contaminadas pelo coronavírus, mas também o de pessoas com transtorno mental (Brito *et al.* 2021). No intervalo de 2019 a 2020 o distanciamento social necessário como medida de prevenção alterou os padrões de comportamento da sociedade, entre eles a alteração da dinâmica familiar pelo convívio prolongado dentro de casa, mudanças no trabalho e fechamento das escolas, rompendo o contato próximo entre as pessoas, algo tão importante para a saúde mental (Bezerra *et al.*, 2020).

Um estudo realizado por Barros e Gracie (2020), identificou que o sentimento de tristeza devido à depressão atingiu 40% dos adultos brasileiros e a sensação de nervosismo e ansiedade teve uma prevalência de 50% durante o processo epidemiológico. Conseqüentemente, houve uma taxa de crescimento no uso de psicofármacos, como demonstrado em outro estudo realizado na região metropolitana do Vale do Paraíba - SP, no qual verificou-se que os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS) tiveram uma prevalência de 84% de prescrições na rede pública e 52, 85% na rede privada de saúde (Brito *et al.*, 2021).

É notório na literatura que o número de pessoas com transtorno mental vem crescendo, e com isso, muitas vezes, o uso indiscriminado de psicofármacos. A utilização desses medicamentos sem supervisão e orientação adequada pode levar a complicações físicas e psicológicas. Dessa forma, compreende-se a necessidade de estudos sobre a dispensação de psicotrópicos na atenção primária à saúde bem como o perfil de uso pela população e seus fatores associados.

Deste modo, o objetivo do estudo é analisar a dimensão individual da gestão do cuidado em saúde mental na Atenção Básica.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, com utilização de dados provenientes da pesquisa fonte intitulada “Dimensão individual da gestão do cuidado em saúde mental na atenção básica na percepção dos usuários”.

A pesquisa foi realizada em uma unidade básica de saúde (UBS) da Estratégia Saúde da Família (ESF), no município de Guarapuava, Paraná.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população estimada de 2019 foi 181.504 habitantes. O município conta com 33 equipes de Estratégia Saúde da Família (eSF), lotadas em Unidades Básicas de Saúde (UBS), sendo que duas delas contam com uma equipe multiprofissional (composta por fisioterapeuta, nutricionista e psicólogo) e três contam com equipes do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf), incluindo fisioterapeutas, fonoaudiólogos, nutricionistas, psicólogos, educador físico e assistente social. A rede de saúde mental de Guarapuava conta também com três Centros de Atenção Psicossocial (Caps): Caps AD, Caps II e Caps AD III.

A amostra foi selecionada de modo não probabilístico por conveniência e de maneira intencional. Todos os usuários da área de adscrição da UBS que utilizam psicofármacos no período da coleta de dados foram elegíveis.

Participaram da pesquisa 59 pessoas. Os critérios de inclusão foram: idade igual ou superior a 18 anos, ambos os sexos, estar adstrito na área de abrangência da unidade e utilizar um ou mais psicofármacos. Foram excluídos aqueles que, no momento da coleta, não apresentem condições verbais para responder as perguntas; ou aqueles que não foram localizados após duas tentativas de abordagem da equipe de pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, no período de 22 de janeiro a 21 de maio de 2022. Para o recrutamento dos participantes, foi realizada visita domiciliar onde foram explicitadas as principais características da pesquisa e foi feito o convite para participar. Todos os que aceitaram encontraram-se disponíveis no momento deste primeiro contato e a entrevista foi realizada imediatamente.

A entrevista ocorreu no domicílio com duração entre 30 e 60 minutos. Utilizou-se um roteiro semiestruturado com questões relacionadas às características de uso de psicofármacos. Todas as entrevistas foram audiogravadas como apoio à fidedignidade das respostas, que posteriormente foram transcritas.

Os dados foram codificados e armazenados em uma planilha eletrônica de dados do Microsoft Excel® e posteriormente analisados neste programa, mediante estatística descritiva (distribuição absoluta e percentual). Os resultados foram apresentados em tabelas.

A pesquisa fonte intitulada “Dimensão individual da gestão do cuidado em saúde mental na atenção básica na percepção dos usuários” foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Centro-Oeste, sob parecer nº 4.697.251,

respeitando-se a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Os sujeitos participaram desta pesquisa de livre e espontânea vontade, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pesquisadora informou aos participantes o caráter da pesquisa, a metodologia aplicada, os benefícios e riscos desta pesquisa. Para aqueles que consentiram, a devolutiva da cópia do TCLE assinada pela pesquisadora responsável foi enviada via Whatsapp ou e-mail, conforme preferência do participante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entre os participantes, 74,58% (44) relatam fazer uso de psicofármacos e 25,42% (15) negam. Os medicamentos mais utilizados foram Amitriptilina (16,95%), Fluoxetina (13,56%) e Sertralina (15,25%). A Tabela 1 apresenta o perfil de consumo, tempo de uso e principais motivos para a utilização.

Tabela 1 - Prevalência de uso de psicofármacos segundo classe terapêutica, tempo e motivo de uso. Guarapuava, PR, 2022.

Variável	N	%
Classe terapêutica		
Antidepressivos	42	71,19%
Ansiolíticos	17	28,81%
Número de psicofármacos prescritos		
01 medicamento por dia	38	64,41%
02 medicamentos por dia	12	20,34%
Tempo de uso		
0 a 3 meses	13	22,03%
1 a 3 anos	12	20,34%
Mais de 3 anos	26	44,07%
Principal motivo de uso		
Sintomas depressivos	30	50,85%
Ansiedade	14	23,73%

Fonte: Os autores.

Dos 59 entrevistados, 77,97% (46) afirmaram presença de receita médica para uso dos psicofármacos. Em relação ao médico prescritor, 66,10% (39) citaram o médico da UBS e 20,34% (12) o psiquiatra. A maioria dos participantes (n=55; 93,22%) afirmou que o uso de psicofármacos não provocou ou piorou algum problema de saúde pré-existente. Em relação à presença de reação adversa, houve predomínio de insônia (n=14, 23,73%), boca seca (n= 9, 15,25%), tontura (n= 7, 11,86%) e ganho de peso (n= 6., 10,17%).

A Tabela 2 apresenta informações relacionadas à adesão ao tratamento, orientação para o uso e reavaliação médica.

Tabela 2 - Fatores associados ao uso de psicofármacos segundo acesso e perfil de consumo. Guarapuava, PR, 2022.

Variável	N	%
Acesso ao medicamento		
Fornecido pelo SUS	27	45,76%
Comprado	25	42,37%
Tipo de uso da medicação		
Uso regular conforme prescrição médica	43	72,88%
Abandonou o tratamento por conta própria	9	15,25%
Desejo de descontinuar		
Não	41	69,49%
Sim	18	30,51%
Tentativa de descontinuar o uso		
Sim	32	54,24%
Não	27	45,76%
Compartilhamento do medicamento		
Não	53	89,83%
Sim	6	10,17%
Orientação para o uso		
Sim	43	72,88%
Não	16	27,12%
Principal responsável por orientações sobre uso		
Médico(a)	45	76,27%
Enfermeiro(a)	3	5,08%
Reavaliação médica > 6 meses		
Não	39	66,10%
Sim, 1 a 5 anos	19	32,20%

Fonte: Os autores.

Os sentimentos de solidão, problemas de sono, tristeza e nervosismo tiveram um aumento na sociedade durante e após a pandemia. A incerteza, isolamento social e medo de contrair a doença foram fatores desencadeantes para a maior ocorrência de depressão e ansiedade (Barros et al., 2020). Durante a pandemia da Covid-19 o índice de stress subiu para 60%, ansiedade 57,50%, depressão 26% e pânico 14%. Essa alta prevalência mostra uma sociedade assustada com expectativas negativas do futuro, stress e medo (Lipp; Lipp, 2020). O presente estudo também evidenciou predomínio de sintomas depressivos, seguido de ansiedade.

O aumento de diagnósticos médicos para depressão está fortemente relacionado ao maior número de prescrição de medicamentos (Abi-ackel et al., 2017). Segundo o estudo de Oliveira et al. (2021), cerca de um em cada cinco pessoas que retiram medicação em farmácias públicas fazem uso de, no mínimo, um psicofármaco.

A medicalização é um fenômeno social há mais de duzentos anos, que com o passar dos séculos foi ganhando várias formas até chegar na atual vulgarização do consumo. A medicina está cada vez mais presente na vida individual da população. A rotina de trabalho estressante, perda de entes queridos e outros fatores fazem que se torne uma pessoa sujeita a ser medicada (Ferreira, 2017).

O modelo biomédico hegemônico ainda está muito presente e existem muitos desafios para sua mudança, a figura do médico como profissional central da saúde pode acarretar a intervenções apenas focada na doença e uso excessivo de medicamentos (Ribeiro; Ferla, 2016).

No Brasil, alguns medicamentos como os ansiolíticos, antipsicóticos e antidepressivos agem no sistema nervoso central e são comercializados como tarja preta para facilitar a classificação visual, assim entendendo quais riscos este remédio pode gerar (Coltri, 2019). O SUS oferece psicofármacos como carbonato de lítio, cloridrato de amitriptilina e diazepam que constam na lista da Relação Nacional de Medicamentos (Brasil, 2020).

Entre 2007 e 2010, de acordo com o levantamento pela ANVISA o clonazepam foi o medicamento mais vendido no Brasil e em 2013 ficou em 9º lugar entre os mais vendidos, indicado como ansiolítico em 93% dos casos (Kowalski; Schneider; Alves, 2020). O estudo de Jacob, Rapp e Kostev (2017), na Alemanha, mostra que o uso de benzodiazepínicos está cada vez mais frequente e 36,1% de idosos com 65 anos fazem uso de longo prazo, podendo gerar o aumento de dependência e efeitos toxicológicos não desejáveis. Na Espanha, entre 2004 e 2009, a utilização de tranquilizantes subiu 40% (Reymont, 2018).

O uso de benzodiazepínicos tem sido estudado e associado a grandes efeitos colaterais e risco de dependência. Em 2010, quase 10% dos idosos de uma comunidade na Alemanha receberam essa medicação. Um estudo holandês relatou que a insônia, o uso de antidepressivos e a dependência de álcool podem gerar a maiores chances de risco de dependência de benzodiazepínicos (Jacob; Rapp; Kostev, 2017).

Um estudo realizado por Almeida, Fernandes e Ferreira (2021), evidenciou que 60% dos entrevistados fazem uso de psicofármacos a mais de um ano, muitos não fazem acompanhamento e apenas renovam a receita com clínico geral ou na unidade de saúde. Corroborando com os achados do presente estudo, no qual a maioria não fez reavaliação médica nos últimos seis meses.

No estudo de Assunção, Lima, Ribeiro e Anna (2022), realizado no município de Ananindeua-PA com 105 idosos, identificou que as classes de psicofármacos com maior número de prescrições foram antidepressivas (44%), antipsicóticos (21,3%) e ansiolíticos (18,2%). Outro estudo realizado em Campinas-SP com 2.471 pessoas, observou que antidepressivos correspondem a 52,6%, ansiolíticos 28,1% e antipsicóticos 17,2% (Prado; Francisco; Barros, 2017). Dados semelhantes ao presente estudo que mostra predomínio de uso de antidepressivos e ansiolíticos.

Em idosos é comum ocorrer efeitos adversos, especialmente devido à combinação de medicamentos. Na área da saúde mental pode ocorrer a prescrição de muitos psicofármacos, aumentando as chances de surgirem tais efeitos, considerados o principal motivo pelo qual o indivíduo desiste do tratamento. Boca seca, retenção de urina e ganho de peso são alguns exemplos. Dessa forma, as prescrições inadequadas e associações de medicamentos tornam-se um problema de saúde pública (Prado; Francisco; Barros, 2017; Xivier et al.; 2014; Baes; Juruena, 2017).

Os profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) têm potencial para acolher as demandas e realizar ações de promoção à saúde mental (Chaves; Nobrega; Silva, 2019). A Política Nacional de Práticas Integrativas e Práticas Complementares, instituída em 2006, e a regulamentação da terapia por acupuntura como especialidade do enfermeiro, desde 2008, promoveu o crescimento da implementação dessas práticas como alternativas no tratamento de transtornos mentais. A Organização Mundial da Saúde indica a acupuntura para ansiedade, destacando que seus efeitos podem ser melhores que os da medicação, além de ser mais seguro, não levar à dependência e não ser tóxico (Goyotá et al., 2016).

Um estudo realizado com enfermeiros no Hospital Público Universitário de Belo Horizonte, Minas Gerais, identificou que a utilização de auriculoterapia com uso de sementes trouxe benefícios para diminuição de sintomas de ansiedade, depressão e estresse (Oliveira et al.; 2021). A literatura evidencia que a abordagem não farmacológica tem contribuído para o tratamento e a redução do uso indiscriminado e prolongado de medicamentos (Goyotá et al., 2016).

Na saúde mental, o enfermeiro é o profissional que deve realizar algumas atribuições na prática clínica do cuidar como acolhimento, escuta ativa, interdisciplinaridade, criatividade, compartilhamento de saberes e orientações ao sujeito e sua família. Além de implementar a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) para oferecer um atendimento e cuidado de qualidade (Mesquita; Santos, 2015).

CONCLUSÃO

Este estudo permitiu identificar a prevalência do uso de psicofármacos e seus fatores associados. Foi possível observar que o uso de antidepressivos e ansiolíticos prevaleceu, além do tempo prolongado da utilização de medicamentos sem reavaliação médica nos últimos meses, demonstrando a falta de supervisão e orientação durante o tratamento.

Nesse sentido, chama-se a atenção para o papel do enfermeiro no cuidado em saúde mental na atenção primária, por meio do acolhimento e escuta ativa. Além de orientações, que podem e devem ser realizadas pela enfermagem de forma a colaborar com a adesão ao tratamento e o uso adequado, minimizando danos e riscos.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

ABI-ACKEL, Mariza Miranda et al. **Uso de psicofármacos entre idosos residentes em comunidade: prevalência e fatores associados.** Revista Brasileira de Epidemiologia, v. 20, n. 1, p. 57-69, 2017.

ASSUNÇÃO, André Felipe et al. **Uso prolongado de psicofármacos entre idosos na atenção básica: análise dos riscos e acompanhamento profissional em uma rede de atenção psicossocial de Ananindeua-PA.** Brazilian Journal Of Development, v. 8, n. 2, p. 13534-13552, 2022.

BAES, Cristiane von Werne; JURUENA, Mário Francisco. **Pharmacotherapy for general practitioners.** Medicina (Ribeirão Preto), v. 50, n. 1, p. 22-36, 2017.

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo et al. **Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19.** Epidemiologia e Serviços de Saúde [online], v. 29, n. 4, e2020427, 2020.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos et al. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 25, n. 1, p. 2411-2421, 2020.

BRASIL. Portaria nº 2.516, de 21 de setembro de 2020. **Dispõe sobre a transferência de recursos financeiros de custeio para a aquisição de medicamentos do Componente Básico da Assistência Farmacêutica utilizados no âmbito da saúde mental em virtude dos impactos sociais ocasionados pela pandemia da COVID-19.**

BRITO, Ana Bruna Marcondes et al. **Antidepressivos dispensados em farmácia pública e privada em dois municípios da região metropolitana do Vale do Paraíba -SP.** Brazilian Journal Of Health Review, v. 4, n. 6, p. 26675-26685, 2021.

COLTRI, Flavia. **Entenda a função da tarja preta nos medicamentos.** Jornal da USP. São Paulo, ago. 2012. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=266869>.

DA SILVA CHAVES, Suellen Cristina et al. **Intervenções não farmacológicas ofertadas ao usuário com transtorno mental comum na atenção primária à saúde.** Journal of Nursing and Health, v. 9, n. 3, 2019.

DE ALMEIDA, Lidiane Mendes; FERNANDES, Werona de Oliveira Barbosa; DA ROCHA FERREIRA, Erliane Miranda. **Uso abusivo de psicofármacos e o papel do farmacêutico na prevenção da medicalização.** Revista Saúde & Ciência, v. 10, n. 2, p. 109-123, 2021.

DE MESQUITA, Keyssse Suélen Fidelis; DOS SANTOS, Cândida Maria Rodrigues. **Assistência de enfermagem na saúde mental com construção de um plano de cuidados**. Revista contexto & saúde, v. 15, n. 29, p. 30-36, 2015.

FERREIRA, Mayara Souza. **Medicalização da vida**. Alumni-Revista Discente da UNIABEU, v. 5, n. 10, p. 26-34, 2018.

GOYATÁ, Sueli Leiko Takamatsu et al. **Efeitos da acupuntura no tratamento da ansiedade: revisão integrativa**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 69, n. 3, p. 602-609, 2016.

JACOB, Louis; RAPP, Michael A.; KOSTEV, Karel. **Long-term use of benzodiazepines in older patients in Germany: a retrospective analysis**. Therapeutic Advances In Psychopharmacology, v. 7, n. 6-7, p. 191-200, 2017.

KOWALSKI, Layza; SCHNEIDER, Marília Salet; ALVES, Izabel Almeida. **Perfil dos usuários de benzodiazepínicos que frequentam uma drogaria da região Noroeste do Rio Grande do Sul**. Ciência em Movimento, v. 22, n. 43, p. 149-160, 2020.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; LIPP, Louis Mario Novaes. **Stress e transtornos mentais durante a pandemia da COVID-19 no Brasil**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., v. 40, n. 99, p. 180-191, 2020.

MADRUGA, Clarice S. et al. **Prevalence of and pathways to benzodiazepine use in Brazil: the role of depression, sleep, and sedentary lifestyle**. Brazilian Journal of Psychiatry [online], v. 41, n. 1, pp. 44-50, 2019.

MALAQUIAS, Tatiana da Silva Melo et al. **Efeitos da pandemia da Covid-19 sob os profissionais de saúde: revisão sistemática**. Online Brazilian Journal Of Nursing, v. 20, Suppl 1, e20216520, 2021.

MEDEIROS FILHO, José Sandro de Araújo et al. **Uso de psicofármacos na atenção primária à saúde**. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, v. 31, n. 3, 2018.

OLIVEIRA, Júlia Raso Ferreira de et al. **Descrição do consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil**. Cadernos de Saúde Pública, v. 37, n. 1, e00060520, 2021.

PRADO, Maria Aparecida Medeiros Barros do; FRANCISCO, Priscila Maria S. Bergamo; BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. **Uso de medicamentos psicotrópicos em adultos e idosos residentes em Campinas, São Paulo: um estudo transversal de base populacional***. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 26, n. 4, p. 747-758, 2017.

REYMONT, Yusmaidly Pérez. **Uso indiscriminado de psicofármacos: intervenções para sua redução**. UNA-SUS. Disponível em: <<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/13291>>.

RIBEIRO, Andrea Cristina Lovatto; FERLA, Alcindo Antônio. **Como médicos tornaram-se**

deuses: reflexões acerca do poder médico na atualidade. Psicologia em Revista, v. 22, n. 2, p. 294, 2016.

SILVA, Andréia Cósmem da et al. **Prevalência e fatores associados ao transtorno mental comum em assentados rurais.** SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v. 15, n. 1, p. 23-31, 2019.

XAVIER, Mariane da Silva et al. **El uso de psicofármacos en individuos con trastorno mental en seguimiento ambulatorio.** Enfermería Global, v. 13, n. 4, p. 114-137, 2014.